

ARTHUR CONAN
DOYLE

O livro de Moriarty

Tradução e introdução de
JOSÉ FRANCISCO BOTELHO



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2017 by Companhia das Letras
Copyright da introdução © 2017 by José Francisco Botelho

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Penguin and the associated logo and trade dress are registered
and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or
Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL
The Book of Moriarty

PREPARAÇÃO
Ana Cecília Agua de Melo

REVISÃO
Carmen T. S. Costa
Fernando Nuno

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Doyle, Arthur Conan, 1859-1930.

O livro de Moriarty / Arthur Conan Doyle ; tradução e
introdução de José Francisco Botelho. — 1^a ed. — São Paulo :
Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.

Título original: The Book of Moriarty
ISBN 978-85-8285-044-2

1. Ficção policial e de mistério (Literatura inglesa) 2.
Holmes, Sherlock (Personagem fictício) 1. Botelho, José
Francisco. II. Título.

16-09116

CDD 823.0872

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção policial e de mistério: Literatura inglesa 823.0872

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500
www.penguincompanhia.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
www.companhiadasletras.com.br

Sumário

A aproximação de Moriarty — José Francisco Botelho 7

O LIVRO DE MORIARTY

O problema final	25
A aventura da casa vazia	50
O caso do construtor de Norwood	81
O caso do jogador de rúgbi	112
Sua última medida	142
O caso do cliente ilustre	164

O VALE DO MEDO

PARTE I: A TRAGÉDIA DE BIRLSTONE	201
1. O aviso	203
2. Sherlock Holmes discorre	215
3. A tragédia de Birlstone	226
4. Escuridão	238
5. Os personagens do drama	252
6. Surge uma luz	266
7. A solução	282

PARTE II: OS RUFIÕES	303
1. O homem	305
2. O grão-mestre	317
3. Loja 341, Vermissa	337
4. O Vale do Medo	357
5. A hora mais escura	370

6. Perigo	386
7. A emboscada de Birdy Edwards	399
Epílogo	412

O livro de Moriarty

O problema final

É com pesar no coração que me ponho a registrar estas palavras — as últimas que jamais escreverei sobre os extraordinários talentos de meu distinto amigo, o sr. Sherlock Holmes. De forma incoerente — e, não me restam dúvidas, completamente inadequada —, esforcei-me para relatar algumas das estranhas experiências que vivi em sua companhia, desde nosso primeiro e casual encontro na época do “Estudo em vermelho” até o caso do “Tratado naval”, em que a intervenção de Holmes evitou um grave incidente diplomático. Meu objetivo era encerrar a narrativa nesse ponto, mantendo silêncio sobre certo evento que criou um vazio em minha vida — vazio que a passagem de dois anos não conseguiu preencher. Fui obrigado, contudo, a retomar papel e pena, após ler as cartas abertas em que o coronel James Moriarty defende a memória de seu irmão; não me resta escolha senão expor ao público todos os fatos, exatamente como aconteceram. Sou o único que conhece a verdade absoluta sobre o tema e estou convencido de que, nas atuais circunstâncias, seria inútil manter o segredo. Pelo que sei, a imprensa levou a público apenas três relatos dos eventos: a notícia publicada pelo *Journal de Genève*, em 6 de maio de 1891; a mensagem enviada pela Reuters aos jornais ingleses, em 7 de maio; e, por fim, as cartas abertas, recentemente veiculadas. Destes, os dois primeiros são extremamente resu-

midos, enquanto as cartas do coronel — conforme hei de provar nas próximas páginas — constituem uma absoluta perversão dos acontecimentos. Cabe a mim relatar pela primeira vez o que realmente aconteceu entre o professor Moriarty e o sr. Sherlock Holmes.

Alguns leitores talvez recordem que, após o meu casamento e a abertura de meu consultório particular, houve certa transformação nas relações — antes muito próximas — entre mim e Holmes. Ele continuou a me procurar, de tempos em tempos, quando precisava de um companheiro em suas investigações, mas essas visitas foram se tornando cada vez mais esporádicas, até que veio o ano de 1890 — quando trabalhamos juntos em apenas três casos, a julgar pelos apontamentos que fiz na época. Os jornais me informaram que, no inverno daquele ano e no início da primavera de 1891, ele estava a serviço do governo francês, tratando de um assunto de máxima importância. Recebi dois bilhetes de Holmes, enviados de Narbonne e de Nîmes, o que me levou a supor que sua estada naquele país seria bastante longa. Foi com alguma surpresa, portanto, que o vi entrar em meu consultório no entardecer de 24 de abril. Notei, um tanto perturbado, que ele estava bem mais magro e pálido que o habitual.

— Sim, tenho abusado um pouco de minha saúde — ele observou, respondendo ao meu olhar, não a qualquer palavra minha. — Ando um tanto preocupado, nos últimos tempos. Importa-se se eu fechar as venezianas?

A única luz na sala vinha da lâmpada sobre a escrivaninha, onde eu estivera lendo. Andando de lado ao longo da parede, Holmes puxou todas as venezianas, uma por uma, girando com força as cremonas.

— Está com medo de alguma coisa? — perguntei.

— Bem, estou, sim.

— Medo de quê?

— De uma carabina de pressão.

— Meu caro Holmes, o que quer dizer com isso?

— Creio que você me conheça o bastante, Watson, para saber que não sou um homem nervoso. Por outro lado, quem se recusa a reconhecer a iminência do perigo está mais para estúpido que para corajoso. Poderia me conseguir um fósforo?

Aspirou a fumaça do cigarro, cuja influência logo ameizou suas feições.

— Peço desculpas por aparecer a esta hora da noite — ele disse. — E vejo-me obrigado a lhe fazer um pedido ainda mais heterodoxo. Preciso ir embora de maneira um tanto intempestiva: pulando o muro de seu quintal.

— Mas o que significa tudo isso? — exclamei.

Ele estendeu a mão e, à luz da lâmpada, vi que os nós dos dedos estavam lanhados e sangrentos.

— Como pode ver, não se trata de uma nulidade etérea. Pelo contrário, é algo sólido — ele sorriu. — Tão sólido que chegou a me rachar os dedos. Onde está a sra. Watson?

— Visitando uma amiga, fora da cidade.

— Ah, você está sozinho em casa, então?

— De fato.

— Isso facilita as coisas para mim; gostaria de convidá-lo a passar uma semana comigo no continente.

— Onde?

— Ah, em qualquer lugar. Para mim, dá na mesma.

Havia algo de muito estranho nisso tudo. Tirar folgas aleatórias não era do feitio de Holmes, e seu rosto pálido e exausto delatava uma extrema tensão nervosa. Ele percebeu a interrogação implícita em meu olhar e, juntando as pontas dos dedos, com os cotovelos apoiados nos joelhos, pôs-se a explicar a situação.

— Imagino que jamais tenha ouvido falar do professor Moriarty — ele disse.

— De fato, nunca ouvi falar.*

* Na verdade, Moriarty é citado em “O Vale do Medo”, consi-

— Sim, e aí está o assombro e a genialidade da coisa toda! — ele exclamou. — O homem é onipresente em Londres, mas ninguém ouviu falar dele. Isso o coloca em um pináculo nos anais do crime. Eu lhe garanto, Watson, com toda a seriedade: se eu conseguir derrotar esse homem, se conseguir livrar a sociedade de seu jugo, sentirei que minha carreira chegou ao ápice e poderei, então, me dedicar a uma vida mais plácida. Cá entre nós, permita-me dizer que meus últimos serviços (prestados à família real da Escandinávia e à República Francesa) me deixaram em uma situação confortável o bastante para que eu possa desfrutar de uma existência tranquila, apropriada ao meu temperamento, concentrando todas as energias em minhas pesquisas químicas. Mas não consigo descansar sobre os louros, Watson; como poderia ficar serenamente sentado em minha poltrona, sabendo que um homem como o professor Moriarty continua andando pelas ruas de Londres, sem que ninguém o desafie?

— Bem, o que o sujeito fez?

— A história de sua vida é extraordinária. É um homem bem-nascido e excelentemente instruído, dotado de um talento fenomenal para a matemática. Aos vinte e um anos, escreveu um tratado sobre o Binômio de Newton recebido com aplausos na Europa. Graças a essa proeza, conquistou uma cátedra como professor de matemática em uma de nossas pequenas universidades. A julgar pelas aparências, uma brilhante carreira acadêmica abria-se à sua frente. Mas o sujeito tinha tendências hereditárias das mais diabólicas; seus extraordinários poderes mentais, em vez de corrigirem o traço criminoso em seu sangue, tornaram-no ainda mais intenso e infinitamente mais pe-

derado cronologicamente anterior a “O problema final”. Essa passagem seria, portanto, um deslize ou uma licença poética do Watson-narrador. (Esta e as demais notas chamadas por asterisco são do tradutor.)

rigoso. Obscuros rumores passaram a circular a seu respeito na cidade universitária, e ele foi obrigado a abandonar a cátedra. Veio então para Londres, onde passou a dar aulas particulares para membros do Exército.* Essa é a parte publicamente conhecida de sua vida; mas o que vou lhe contar agora é o que eu próprio descobri.

“Como você bem sabe, Watson, ninguém conhece como eu as altas esferas do submundo criminoso em Londres. Há muitos anos, comecei a pressentir a existência de algum poder oculto que guia a mão dos malfeiteiros; uma profunda inteligência organizadora, sempre pronta a proteger os criminosos e frustrar o trabalho da lei. Vezes sem conta, ao trabalhar em casos de todos os tipos (contrafações, roubos, assassinatos), senti a presença dessa força obscura. Inferi suas ações a partir de muitos crimes não resolvidos, a respeito dos quais não fui pessoalmente consultado. Por anos e anos, tentei romper o véu que oculta a verdade; por fim, consegui encontrar uma pista e segui-a até o fim. Após mil desvios e artimanhas, cheguei à figura do ex-professor Moriarty, celebridade matemática.

“Ele é o Napoleão do crime, Watson. É o responsável por metade das ações malignas e quase todos os delitos ocultos nesta grande cidade. É um gênio, um filósofo, um pensador abstrato, dotado de um cérebro de primeira grandeza. Permanece imóvel como uma aranha no centro de sua teia; mas nessa teia há mil irradiações, e ele percebe o menor estremecimento em cada fio. Faz pouca coisa com suas próprias mãos. Apenas planeja. Mas seus agentes são numerosos e esplendidamente organizados. Se acaso há algum crime a ser cometido, um documento a ser roubado, uma casa a ser arrombada, um homem a ser eliminado, basta encaminhar o assunto ao professor:

* “Army coach” era a denominação dada ao professor particular especializado em aulas preparatórias para oficiais em busca de promoções.

o trabalho será planejado e executado de forma infalível. O agente do crime talvez seja preso. Nesse caso, haverá dinheiro de sobra para pagar sua fiança e um excelente advogado. Mas o poder que move o agente jamais é pego; na verdade, nem sequer suspeitam que exista. Com o tempo, Watson, acabei deduzindo a existência dessa vasta organização e passei a dedicar todas as minhas energias à tarefa de desmascará-la e destruí-la.

“Mas o professor estava cercado por salvaguardas tão astuciosas que, por mais que eu tentasse, parecia impossível conseguir evidências para incriminá-lo em um tribunal. Você conhece meus poderes, Watson; mas, ao fim de três meses, fui obrigado a admitir que havia encontrado um antagonista à altura de meu intelecto. O horror que sentia por seus crimes dissipou-se na admiração despertada por suas habilidades. Por fim, ele acabou cometendo um deslize; um mínimo, minúsculo deslize. Mas foi o bastante, pois eu estava em seu encalço. Aproveitei a oportunidade e, partindo desse ponto, comecei a tramar minha própria teia ao seu redor. Agora, a armadilha está prestes a se fechar. Dentro de três dias (ou seja, na próxima segunda-feira), tudo estará pronto, e o professor, com os principais membros de sua gangue, estarão nas mãos da polícia. Então virá o maior julgamento do século, a resolução de mais de quarenta mistérios, e todos os malfeitores acabarão no cadafalso. Se agirmos de forma prematura, no entanto, os criminosos podem escapar entre nossos dedos, no último instante.

“Tudo estaria bem se eu pudesse organizar o ataque sem despertar as desconfianças do professor Moriarty. Mas sua astúcia é infinita. Observou cada passo que eu dava ao seu redor. Várias vezes, tentou escapar de minha armadilha, mas sempre consegui frustrá-lo. Eu lhe garanto, meu amigo: se alguém um dia escrever o relato completo de nossa silenciosa disputa, ela ganhará fama como o mais brilhante duelo de esgrima na história das artes

detetivescas. Jamais realizei tão altas façanhas e jamais encontrei um oponente tão aguerrido. Ele me golpeava com dureza, e eu contra-atacava sem perder um segundo. Na manhã de hoje, os últimos passos foram dados. Tudo estava pronto para o golpe final, marcado para a próxima segunda-feira. Eu estava sentado, em meu escritório, revisando mentalmente o assunto, quando a porta se abriu e o professor Moriarty surgiu bem diante dos meus olhos.

“Meus nervos são bem resistentes, Watson, mas confesso que tive um sobressalto ao ver, na soleira da porta, o homem que havia tanto tempo era o centro de minhas preocupações. Sua aparência me era bastante familiar. Ele é extremamente alto e magro; sua testa é protuberante, formando uma curva branca, e os olhos são profundos e encovados. Tem um rosto pálido, bem barbeado, com aparência ascética; no geral, suas feições retêm certo ar de professor. O excesso de estudo lhe encurvou os ombros, e seu rosto projeta-se à frente, oscilando sem parar, em cadência lenta, de um lado para o outro, num movimento estranhamente reptiliano. Aqueles olhos contraídos me observaram com grande curiosidade.

“— Seu osso frontal é menos desenvolvido do que eu esperava* — disse Moriarty, finalmente. — Também

* Referência à frenologia, pseudociência muito em voga na Inglaterra vitoriana. Os adeptos da frenologia acreditavam que a observação do crânio humano, com sua variável topografia de protuberâncias e reentrâncias, revelava traços essenciais da personalidade de cada indivíduo — como sua predisposição ao crime ou à honestidade, seus talentos para a matemática ou a literatura, seu nível relativo de lubricidade ou recato etc. Acreditava-se, entre outras coisas, que pessoas predispostas à lógica e ao pensamento abstrato apresentavam uma saliência ou uma prolongação no osso frontal do crânio; antigas representações de Sócrates, com sua testa saltada, eram vistas como evidência disso. Moriarty aqui sugere que o crânio de Holmes não faz jus a suas façanhas intelectuais.

devo dizer que apalpar revólveres no bolso do roupão é um hábito um tanto perigoso.

“Tão logo vira Moriarty, eu havia percebido que minha vida estava em risco. Se quisesse escapar da prisão, o professor teria de me silenciar para sempre. Discretamente, eu havia puxado o revólver da gaveta e o enfiara no bolso. A arma, por baixo do tecido, estava apontada para o meu rival. Após o comentário do visitante, tirei o revólver do bolso e coloquei-o, engatilhado, sobre a mesa. O professor continuava sorrindo e pestanejando, mas algo em seus olhos me dizia que a arma poderia ainda ser útil.

“— O senhor, obviamente, não me conhece — ele disse.

“— Pelo contrário — respondi — é perfeitamente óbvio que o conheço. Por favor, sente-se. Posso lhe dar cinco minutos, se tiver algo a me dizer.

“— O senhor certamente pode imaginar o que me traz aqui — disse.

“— Nesse caso, o senhor também pode imaginar minha resposta — observei.

“— Não vai desistir?

“— De forma alguma.

“Moriarty enfiou a mão no bolso. No mesmo instante, levantei o revólver. Mas tudo o que ele fez foi puxar uma pequena agenda, onde havia anotado algumas datas.

“— O senhor cruzou meu caminho no dia 4 de janeiro — disse. — Voltou a me perturbar no dia 23; na metade de fevereiro, me causou sérios inconvenientes; no fim de março, provocou imenso embaraço aos meus planos; e agora, nos últimos dias de abril, sua perseguição continua me colocou em tal posição que já corro sérios riscos de perder a liberdade. A situação, em outras palavras, é insustentável.

“— Tem alguma sugestão a fazer? — perguntei.

“— Abandone o caso, sr. Holmes — ele disse, movendo o rosto de um lado para outro. — Acredite, é a melhor coisa a fazer.

“— Depois de segunda-feira — respondi.

“— Pense bem — ele disse. — Um homem com sua inteligência certamente deve compreender que só existe um desfecho possível para este caso. O senhor tem de recuar. Armou as coisas de tal forma que minha organização está totalmente acuada, e só nos resta uma única alternativa. Observar suas manobras tem sido para mim um imenso prazer intelectual, e posso lhe dizer, com toda a franqueza, que será uma grande pena se eu tiver de tomar alguma medida drástica. O senhor está sorrindo, mas lhe asseguro que digo a verdade.

“— O perigo é parte de meu ofício — observei.

“— Não se trata de simples perigo — ele respondeu. — Se insistir, sua destruição será inevitável. O senhor se transformou em um obstáculo não apenas para um indivíduo, mas para uma organização poderosíssima, ainda mais vasta do que o senhor, com toda a sua inteligência, pode conceber. Precisa sair de nosso caminho, sr. Holmes, ou será pisoteado.

“— Nossa conversa está muito interessante — eu disse, erguendo-me —, mas receio que eu esteja negligenciando assuntos importantes, que demandam minha atenção.

“Moriarty também se ergueu e me olhou em silêncio, balançando a cabeça tristemente.

“— Muito bem, então — ele disse, por fim. — É uma pena, mas fiz tudo o que pude. Conheço todas as peças em seu jogo. Até segunda-feira, o senhor está de mãos atadas. Este é o último capítulo em nosso duelo, sr. Holmes. O senhor pretende me colocar no banco dos réus. Eu lhe garanto que jamais me sentarei no referido banco. O senhor pretende me derrotar. Eu lhe garanto que jamais serei derrotado. O senhor é esperto o bastante para causar minha destruição, mas fique certo de que lhe pagarei na mesma moeda.

“— O senhor me fez muitos elogios, sr. Moriarty — eu disse. — Permita que eu retribua ao menos um deles.

Acredite: se minhas capacidades estiverem à altura de sua suposição, não hesitarei em pagar o preço, *na mesma moeda*, em nome do bem público.

— Pagará o preço, sem dúvida, mas não garanto que vá ganhar algo em troca — ele rosnou, para em seguida me voltar as encurvadas costas. Pestanejando e lançando olhares de soslaio, deixou a sala.

“Esse, Watson, foi meu singular encontro com o professor Moriarty. Confesso que a entrevista causou um efeito desagradável em minha mente. Seu modo de falar, suave e preciso, deixou uma impressão de perigosa sinceridade, coisa que um mero valentão não poderia fazer. Você, naturalmente, pode argumentar: ‘Por que não pede que a polícia tome providências contra Moriarty?’. Bem, estou convencido de que o professor não me atacará diretamente; o golpe será dado por um de seus asseclas. Tenho ótimas evidências disso.”

— Quer dizer que já sofreu algum ataque?

— Meu caro Watson, o professor Moriarty não é o tipo de homem que deixa as coisas para amanhã. Por volta do meio-dia, saí para resolver alguns negócios em Oxford Street. Quando eu andava pela Bentinck Street, em direção ao cruzamento de Welbeck Street, um carro puxado por dois cavalos surgiu de súbito na curva da esquina e veio furiosamente para cima de mim. Saltei para a calçada, escapando por uma fração de segundo. O carro precipitou-se em direção a Marylebone Lane e desapareceu. Desse ponto em diante, passei a andar apenas na calçada; mas, quando eu descia a Vere Street, um tijolo despencou do alto de uma casa e se espalhou bem aos meus pés. Chamei a polícia e pedi que examinassem o local. Havia uma pilha de lajes e tijolos sobre o telhado; aparentemente, material para uma reforma. Tentaram me convencer de que um dos tijolos fora derrubado pelo vento. Não engoli a história, claro, mas tampouco podia provar coisa alguma. Em seguida, subi num cupê e fui